

## Trabalhos Científicos

**Título:** Septicemia: Epidemiologia Das Internações E Mortalidade Na População Pediátrica Em Uma Década No Brasil

**Autores:** GUILHERME GUIMARÃES CARNEIRO MELO (UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA), RAMON REIS SILVA (UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA), FERNANDA PROHMANN VILLAS BOAS (UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA), ISABELE CAROLINA TOKUMOTO (UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA), RAQUEL MOREIRA BORGES (UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA), CECILIA DO CARMO LIMA (UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA), JOSÉ KLINGER DE OLIVEIRA CRUZ NETO (UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA), JACKSON EMANUEL DE OLIVEIRA SANTOS (UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA), MANOEL LOUZADO BARRETO NETO (UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA), NORMEIDE PEDREIRA DOS SANTOS FRANÇA (UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA)

**Resumo:** A sepsé é definida como uma disfunção de órgãos ameaçadora à vida, de causa infecciosa. É um agravo de elevada morbimortalidade, especialmente em pacientes pediátricos, o que justifica o estudo do perfil de internações e da mortalidade no Brasil. Estimar o perfil epidemiológico das internações e a taxa de mortalidade hospitalar (TMH) por Septicemia, no Sistema Único de Saúde (SUS) em pacientes pediátricos, entre os anos de 2013 e 2022. Estudo descritivo e retrospectivo, envolvendo a população de 0 a 19 anos, internada por septicemia entre janeiro de 2013 e dezembro de 2022. Os dados foram coletados no Sistema de Informações Hospitalares do Sistema Único de Saúde (SIH-SUS) do Ministério da Saúde, disponíveis na plataforma DATASUS. Foram consideradas variáveis de interesse: sexo, idade, etnia e procedência, referentes às internações e à TMH por cem internações. Ocorreram 193.016 internações por septicemia no Brasil. A maior frequência foi no sexo masculino (54,4%), em menores de 1 ano (60,9%), com média de idade de 3,5 anos, e na etnia parda (40,8%), seguida da branca (26,2%). A TMH geral foi 11,5 e maior para a etnia indígena (20,5), no sexo feminino (11,7) e na faixa etária de 15-19 anos (17,6). A permanência média foi de 13,7 dias, maior para a população menor de 1 ano (15 dias) e para a etnia preta (15,2 dias). Dentre as internações, 40,3% ocorreram no Sudeste (TMH 11,3), 27,2% no Nordeste (TMH 13,3), 17,3% no Sul (TMH 7,1), 10% no Norte (TMH 14,6) e 5,2% no Centro-Oeste (TMH 13). Os estados com mais internações foram Minas Gerais (30.682, TMH 7,9), São Paulo (29.809, TMH 14,7) e Rio Grande do Sul (19.239, TMH 5,1), juntos totalizam 41,3% das internações nacionais e os que internaram menos foram Roraima (348, TMH 12,6), Amapá (365, TMH 26,8) e Acre (545, TMH 12,3). As maiores TMH ocorreram no Amapá (26,8), Maranhão (25,6) e Sergipe (19,3), e as menores foram registradas no Rio Grande do Sul (5,1), Alagoas (5,1) e Rio Grande do Norte (7,5). A alta frequência de internações em menores de 1 ano evidencia uma possível relação entre as infecções perinatais e a septicemia. Entretanto, a taxa de mortalidade foi maior entre indivíduos do sexo feminino, na etnia indígena e na faixa etária de 15 a 19 anos. A análise por regiões mostrou maior número de internações no Sudeste e maior TMH no Norte do país. Embora a metodologia deste estudo não possibilite inferir associações, é possível que essa situação esteja relacionada à acessibilidade aos serviços de saúde. As TMH observadas nos estados do Amapá e Maranhão, muitos superiores às nacionais, revelam a necessidade urgente de ações efetivas para solução dessa problemática.